

# Inovação pedagógica, formação do professor e circulação do impresso: o caso da biblioteca de educação

María Rita de Almeida Toledo<sup>1</sup>

*El objetivo de este artículo es analizar las estrategias adoptadas por Lorenzo Filho, editor de la Biblioteca de Educación, en los años 1930, para poner en circulación los contenidos de esta colección, con la intención de difundir el proyecto pedagógico instaurado en la arquitectura de su organización. Dicha colección pretendía intervenir en la conformación del campo educativo, introduciendo nuevos contornos en la pedagogía y en la práctica pedagógica, tratando, en última instancia, establecer un proyecto político-pedagógico para la formación del profesor y la innovación de las prácticas pedagógicas en la escuela. Este análisis parte de la propuesta de la Historia Cultural que considera el impreso como objeto cultural, lo cual significa operar con los contenidos de las colecciones enfocándolas en relación con la materialidad de sus procesos de producción, circulación, imposición y apropiación por los agentes involucrados. Se objetiva, en esta perspectiva, el análisis del uso de una de las principales revistas paulistas destinadas al profesorado, entre 1927 y 1930 —la revista Educación— difundida por la Biblioteca de Educación, como estrategia de intervención e imposición del proyecto pedagógico conducido por Lorenzo Filho. La hipótesis que se plantea aquí es que los dos impresos fueron instrumentos de intervención política en el campo de la educación para la introducción de innovaciones pedagógicas procedentes del proyecto político-educativo defendido por los seguidores de la escuela nueva.*

93

Formación de profesores • Difusión de la Escuela Nueva • Estrategia editorial • Lorenzo Filho • Biblioteca de Educación

*O objetivo deste artigo é analisar as estratégias adotadas por Lourenço Filho, editor da Biblioteca de Educação, nos anos 1930, para por em circulação os conteúdos desta coleção, com o intuito de difundir o*

<sup>1</sup> Professora Assistente Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

*projeto pedagógico instaurado na arquitetura de sua organização. Essa coleção pretendia intervir na conformação do campo educacional, introduzindo novos contornos à pedagogia e à prática pedagógica, visando, em última instância, instalar um projeto político-pedagógico de formação do professor e de inovação das práticas pedagógicas na escola. Essa análise parte da proposta da História Cultural de considerar o impresso como objeto cultural, isso significa operar com os conteúdos das coleções em foco em relação à materialidade de seus processos de produção, circulação, imposição e apropriação pelos agentes envolvidos. Objetiva-se, nesta perspectiva, analisar o uso de uma das principais revistas paulistas destinadas ao professorado, entre 1927 e 1930 – a revista Educação – na difusão da Biblioteca de Educação, como estratégia de intervenção e imposição do projeto pedagógico assinado por Lourenço Filho. A hipótese aqui aventada é que os dois impressos foram instrumentos de intervenção política no campo da educação para a introdução de inovações pedagógicas débitas do projeto político-educacional defendido pelos escolanovistas.*

Formação de professores • Difusão do escolanovismo • Estratégia editorial • Lourenço Filho • Biblioteca de Educação

94

\* \* \*

O estudo de uma coleção de livros, na perspectiva proposta pela História Cultural, requer que se lembre que a prática editorial de organização de coleções tem uma história específica.<sup>2</sup> Nessa perspectiva as coleções são tratadas como uma classe de impresso cuja função essencial é a de ampliação do público leitor. Segundo Olivero,<sup>3</sup> no início do Século XIX, a produção coleções é prática inovadora que se intensifica. Neste sentido as coleções são consideradas uma nova classe de impressos. Partindo do suposto de que as práticas editoriais visam sempre uma ampliação do mercado editorial: atingindo novos leitores que ainda não fazem parte dos que consomem esta mercadoria; ou

<sup>2</sup>No caso francês, essa história foi recentemente escrita por Isabelle Oliveiro. A autora inscreve o seu trabalho no crescimento do interesse e da expansão de uma história do livro e das edições nas duas últimas décadas do século XX, na França, e especialmente na perspectiva proposta por Roger CHARTIER e Henri-Jean MARTIN. Conferir em MARTIN, Henri-Jean, e CHARTIER Roger. *Histoire de l'édition française*, tomo III e IV. Conferir em OLIVERO, Isabelle, *L'invention de la collection*.

<sup>3</sup>Cf. OLIVERO, *op. cit.*

propondo novos gêneros que ainda não têm entrada junto ao mercado já estabelecido. Neste sentido, a coleção é uma estratégia de tornar atraente um produto que já está em circulação, atraindo novos consumidores para novas formas de uso do produto. O produto –livro– definido por características específicas é adaptado a um perfil específico de leitor e oferecido como produto especialmente desenvolvido para este.<sup>4</sup>

A representação que os editores fazem do leitor conformam, então, as mudanças e adequações inseridas nos livros. Por exemplo, livros para crianças passam a ter letras maiores, textos menores, volumes ilustrados.

Na história das coleções proposta por Olivero,<sup>5</sup> na França, a intensificação da produção de coleções no século XIX, está marcada por dois problemas que se colocavam aos editores: de um lado a necessidade de ampliar o mercado consumidor de livros em um período de crise da indústria livreira francesa e, de outro, a missão de educar, civilizar, universalizar e edificar, depositada no livro. O investimento nas coleções, por parte dos editores, tem como objetivo ampliar o público leitor pelo barateamento dos custos de cada livro produzido. Na medida em que a característica fundamental da produção de uma coleção é justamente a sua padronização em termos de cobertura (capa, lombada, contra-capas), de estrutura interna (estabelece-se um modelo ao qual os textos publicados são submetidos) e das estratégias de divulgação,<sup>6</sup> há um barateamento da produção dos livros nela incluídos. O editor, em vez de ativar toda uma rede de especialistas para a produção de cada um dos textos, estabelece um único padrão de edição, mobilizando os especialistas apenas para a produção de um único padrão para os livros na coleção. Com a padronização há um barateamento dos custos gerais e, em consequência, da unidade da coleção.

Outro dispositivo editorial contido na prática de produção de uma coleção é a da seleção dos textos e autores. No momento em que há uma abundância de títulos e autores oferecidos pelo mercado francês, há a necessidade do leitor operar uma seleção de suas leituras. Adiantando-se ao leitor, o editor

<sup>4</sup> Cf. OLIVERO, *op. cit.*

<sup>5</sup> Cf. OLIVERO, *op. cit.*

<sup>6</sup> Para um exemplo de estratégia de divulgação padronizada do mercado editorial brasileiro, consultar o dossiê Propaganda da Biblioteca das Moças. Ali pode-se verificar, por meio dos vestígios da construção da propaganda dessa Biblioteca como uma única proposta de propaganda de divulgação servia de base para todos os lançamentos da mesma. Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional-IBEP.

se propõe a realizar essa operação de seleção, apresentando critérios de reunião dos textos e de autores, de modo que os leitores possam, em vez de selecionar cada título, selecionar um conjunto de obras que atenda o seu interesse, com a garantia dada pelo editor da qualidade da seleção. O editor compromete-se a fazer o exame e a seleção das obras segundo a definição de critérios específicos. Assim, os livros são reunidos em coleções distintas endereçadas a públicos diferenciados: livros para moças, livros de reflexão religiosa, livros de divulgação científica etc. As estratégias contidas na coleção são complementares: o leitor tem acesso a livros mais baratos e a garantia de que está investindo naquilo que realmente lhe interessa. Além disso, há todo um investimento em um *aparelho crítico* dos livros que tem como função ou a didatização da obra ou uma sofisticação de sua apresentação. Os prefácios, as notas do tradutor, os comentários de especialistas introduzidos nos volumes auxiliam a “homogeneização” dos textos em uma mesma coleção e, ao mesmo tempo, são um diferencial que acompanha a sua publicação. Um volume que pertence a uma coleção, que investe no aparelho crítico de apoio à leitura, é um produto diferenciado que oferece algo mais para o leitor, além do texto publicado. Assim, seja pelo barateamento do preço, seja pela tentativa de propor ao leitor um conjunto de textos cuja publicação é diferenciada e qualificada pelo aparelho crítico que o acompanha, a coleção nasce como uma estratégia editorial específica para condições específicas do mercado francês.

Os sistemas de difusão das coleções também são específicos. O editor não oferece ao leitor um título novo, mas um conjunto de títulos organizados em uma determinada ordem, na qual está inserida uma proposta específica que orienta o leitor para uma determinada forma de lê-los (proposta pelo seu aparelho crítico), oferecendo-os em círculos específicos de distribuição.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Aparelho crítico é a expressão utilizada por Isabel Olivero para designar os dispositivos de apoio a leitura como prefácios, notas, comentários etc. que não fariam parte do texto original e são introduzidos no processo de produção editorial, Cf. OLIVERO, *op. cit.*

<sup>8</sup> Para se compreender a estratégia editorial de pegar o leitor em uma situação específica a Bibliothèque des chemins de fer é um excelente exemplo: era constituída por livros de pequeno formato (livros de bolso – invenção atrelada a invenção das coleções), a preço “moderado”, com escolha de um tipo de letra adequado para a leitura de viagem e títulos escolhidos dentro do que era considerado moralmente correto. O leitor adquiria o livro na estação de trem, poderia guardá-lo no bolso ou na bolsa; a leitura era confortável pelas próprias características, materiais do livro (pequeno, leve, tipo adequado) e, ainda, não precisava se preocupar com o conteúdo da obra, já que todas eram escolhidas dentro da estrita moral da época. Conferir em MOLLIER, Jean-Yves, *Louis Hachette*, p. 305.

Se a configuração da estratégia da coleção aparece na França do XIX, como prática editorial que recorta e seleciona, de um mercado editorial abarrotado, no Brasil a situação que caracteriza o *boom* das coleções é outra.<sup>9</sup> A coleção não aparece como estratégia comercial de intervenção em um mercado editorial em crise pelo excesso de concorrência, pelo contrário, se estabelece com o florescimento do mercado editorial, nas décadas de 1920 e 30, tanto em termos do crescimento do número de títulos, autores e de tiragens; pelo número de editoras que nascem no período,<sup>10</sup> quanto pelo crescimento do número de leitores. É a partir da descoberta de que o livro é um bom negócio, que as coleções se multiplicam, tendo em vista chegar àqueles que não liam os livros brasileiros e que agora podem passar a lê-los ou àqueles novos leitores recém-alfabetizados.

A principal característica do mercado editorial, até a década de 1920, era o consumo de livros importados e de livros brasileiros impressos fora do país. Além disso, para se tornar autor, era necessário capital para investir e distribuir a própria obra,<sup>11</sup> já que as poucas editoras que existiam publicavam apenas os livros didáticos, jurídicos e um ou outro escritor de romances de sucesso. Portanto, a idéia de abundância não caracterizava o mercado editorial brasileiro do começo do século XX; pelo contrário, o que circulava eram na sua maioria autores e livros estrangeiros, trazidos com freqüência por encomenda, sobretudo, quando se tratavam de livros de outros gêneros que não a literatura, como os científicos ou especializados.

Porém, no início dos anos vinte essa situação se transforma e o mercado editorial, pelo menos em São Paulo, sofre modificações.<sup>12</sup> A expansão do mercado editorial se dá, não só com a ampliação do interesse pelo livro nacional, mas também, pela expansão do mercado em direção a novos

<sup>9</sup> Ainda não há estudos gerais sistematizados que estabeleçam a entrada, no Brasil, da estratégia da coleção. Mas salta aos olhos o número de coleções sobre diversos assuntos e gêneros que aparecem no final da década de 20 e sua expansão a partir da década de 30.

<sup>10</sup> Ver sobre a tabela "Edição de livros no estado de São Paulo e na cidade do Rio de Janeiro", em HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*, pp. 238-239.

<sup>11</sup> Sobre o "estado desolador" do mercado editorial brasileiro, até os anos 1920, ver HALLEWELL, *op. cit.*, p. 235.

<sup>12</sup> Para indícios da mudança consultar o Inquérito promovido pelo Jornal O Estado de S. Paulo (1920). O Inquérito é publicado no Estadinho do dia 3/7/1920 ao dia 14/7/1920. São inquiridas dez livrarias da cidade de São Paulo. As perguntas são: Qual a literatura mais lida entre nós?; Quais são presentemente os autores prediletos e, destes, quais as obras preferidas?; Obteve sucesso entre nós a literatura de guerra?; Em relação à literatura italiana, quais são, presentemente, os autores prediletos? Estadinho, 3/7/1920.

leitores, como as mulheres e as crianças. É neste movimento de expansão do mercado editorial que se intensifica a estratégia de publicar os novos autores, títulos e gêneros em forma de coleções recortadas e identificadas com o público leitor. A conquista dos novos leitores estava relacionada com as estratégias editoriais que ofereciam um conjunto de obras especialmente voltadas para este. Assim, as editoras que vão nascendo se estabelecem com a preocupação, muitas vezes inscrita nas propostas de coleções, de atender a especificidade do público leitor.

As práticas editoriais introduzidas modificam as formas de produção e de sua circulação: maior variedade dos produtos (tanto em termos de gêneros como de formas materiais), distribuição mais eficaz, além das novas estratégias de conquista do público leitor. Essas mudanças têm grande impacto na emergente indústria editorial brasileira, sobretudo em relação aos preços que, com o aumento do número de consumidores, pode aumentar suas tiragens reduzindo-os, tornando-os mais competitivos em relação à oferta do livro importado. São as novas políticas editoriais introduzidas nos anos 20, pela figura renovada do editor, que impulsionam a indústria do livro.<sup>13</sup>

98

A conquista de novos públicos demandava a educação dos novos leitores para os usos previstos do material diferenciado. Livros específicos para aqueles que começam a ser alfabetizados pela escola, aqueles que só liam livros estrangeiros, aqueles que começam a participar mais efetivamente da cultura letrada, aqueles cuja leitura central era a de periódicos, colocava a necessidade para os editores –nas formas dos materiais editados– de educar um público novo para os novos livros.. A expansão dos negócios do livro, a partir da segunda metade da década de 20, organiza-se em torno das representações articuladas à necessidade política premente de civilizar a sociedade brasileira e, neste processo de civilização, o livro é alçado a um de seus instrumentos. Como a escola, o livro é edificado como instrumento cívico dos que lutam pelo Brasil. É em meio à efervescência cívico-patriótica e educacional que editores buscavam identificar seu negócio como uma contribuição à cultura do brasileiro e não apenas como empreendimento comercial vantajoso e lucrativo.

A renovação do livro escolar, neste sentido, se revestia de caráter de intervenção político-cultural, fazendo circular os novos materiais da pedagogia prescrita pelos educadores e seus fundamentos, bem como os

<sup>13</sup> Marta CARVALHO & TOLEDO, M. Rita de A., “A coleção como estratégia de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho”.

materiais de propaganda das organizações aglutinadas em torno da bandeira de luta da difusão da escolarização do Brasil.<sup>14</sup> Alguns dos próprios reformadores passam a ser contratados por editoras privadas para organizar coleções de livros voltadas para os educadores. O organizador da coleção, investido dos poderes de seleção, dentro dos critérios definidores da mesma, passa a autorizar os títulos e autores que são “necessários” para a formação dos leitores.

A escolha do nome do organizador, do ponto de vista de uma editora comercial, deveria garantir o convencimento do público que a seleção ali operada, sobretudo quando se trata de livros científicos, seria confiável e serviria para os fins determinados pela apresentação da coleção. O nome do organizador é a garantia da obra comprada pelo público; é a chave de sua difusão. Utilizando as “etiquetas” de seus nomes e “pregando-as” nas coleções de livros, nos prefácios e artigo de revistas, os educadores se transformam em “empreendedores” do mundo editorial. Lançando mão de todo um *aparelho crítico*, que asseguram, de um lado, a imposição de suas representações e, de outro, a continuidade da projeção de seus nomes como especialistas da educação, alimentam seus lugares de poder no campo de luta política e social aberto na educação. Assim se dá com a coleção *Atualidades Pedagógicas*, organizada por Fernando de Azevedo para a Companhia Editora Nacional e com a *Biblioteca de Educação*, organizada por Lourenço Filho, para a Companhia Melhoramentos de São Paulo.

No momento em que são chamados para organizar essas coleções Fernando de Azevedo<sup>15</sup> e Lourenço Filho<sup>16</sup> já eram reconhecidos como

99

<sup>14</sup> Exemplos da intensa relação entre movimentos político-nacionalistas das décadas de 1910 e 1920 e o mundo editorial são os deslocamentos dos conteúdos dos livros de leitura para os alunos da escola primária: os conteúdos cívico-patrióticos e que carregam “coisas” da cultura brasileira passam a ser o mote principal dos textos. Ver, por exemplo, o livro *Saudade de Thales de Andrade* ou *Cazuza*, de Viriato Correia, publicados, a partir de 1925, pela Companhia Editora Nacional. Para uma discussão desse movimento, consultar NAGLE, Jorge, *Educação e Sociedade na Primeira República*.

<sup>15</sup> Fernando de Azevedo tinha posição de liderança no movimento educacional. Construída em São Paulo, onde dirigira, em 1926, nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, o *Inquérito sobre a Instrução Pública*, essa liderança é consolidada a partir da reforma escolar que ele realiza no Distrito Federal em 1928. O inquérito, realizado em 1926, é depois publicado na forma de livro. Cf. AZEVEDO, Fernando, *A educação pública em São Paulo-Problemas e Discussões*.

<sup>16</sup> Lourenço Filho era figura de prestígio no campo educacional. Além de professor da Escola Normal da Praça da República, em São Paulo, era membro bastante ativo da Sociedade de Educação paulista; era um dos diretores responsáveis pela Revista *Educação* e um de seus autores; escrevia também na *Revista do Brasil* e em alguns jornais de grande

“técnicos” e “reformadores” da educação. As etiquetas “Fernando de Azevedo” e “Lourenço Filho” legitimam o conjunto de títulos e autores publicados nas coleções que organizaram. Além disso, como educadores de destaque no campo, Azevedo e Lourenço Filho podiam mobilizar toda uma rede autores para alimentar as publicações dos novos empreendimentos editoriais, assim como possuíam meios de divulgar as publicações em outros espaços que não o da propaganda direta das editoras.

Para ambos, os espaços abertos por duas das principais editoras do mercado de livros de educação, com amplo estrutura de distribuição e divulgação, significava fazer circular suas posições no debate educacional que vinha se acirrando desde o final dos anos 1920. Escolher autores brasileiros, mandar traduzir autores estrangeiros, fazer circular seus próprios escritos sob a marca de uma editora respeitável dava, aos educadores, instrumental estratégico de interferência nas lutas pela imposição de determinadas representações sobre pedagogia, formação de professor e política educacional. Era a possibilidade de contrapor uma nova literatura pedagógica a que até então circulava nas instituições de formação do professorado e em seus programas escolares, nas escolas primárias e nas Diretorias de Instrução Pública do país. Na década de 1930 Lourenço Filho e Fernando de Azevedo permaneceriam ativamente empenhados no movimento de renovação educacional brasileiro, tomando iniciativas e ocupando posições e postos-chave na condução do processo de reforma do aparelho educacional.<sup>17</sup>

100

Interessa, portanto, estudar essas coleções analisando a articulação de sua organização material com os conteúdos que por elas circulam com vistas a identificar os programas político-pedagógicos por elas veiculados, assim, como as suas modificações ao longo do tempo. Interessar identificar o que os organizadores de coleção entendiam ser necessário para a formação do professor ou os saberes pedagógicos que foram dados a ler nestas coleções. Interessa também verificar os circuitos de difusão em que as coleções foram colocadas para chegar ao público leitor e se difundir como referências fundamentais do campo pedagógico.

A proposta deste trabalho é analisar os dispositivos editoriais mobilizados na *Biblioteca de Educação* e os dispositivos usados pelo editor para por em circulação os conteúdos da coleção, com o intuito de

---

circulação; participava ativamente dos debates das Conferências Nacionais de Educação, promovidas pela Associação Brasileira de Educação e realizara, em 1922, uma Reforma da Instrução Pública no Estado do Ceará.

<sup>17</sup> Fernando DE AZEVEDO foi Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930), Diretor da Instrução Pública de São Paulo (1933-1934).



difundir o programa de formação de professores instaurado na arquitetura de sua organização. As práticas de difusão da *Biblioteca de Educação* mobilizadas entre os anos 1927 e 1930 é tomada como estratégia inscrita no programa de reforma da sociedade pela reforma da escola, empreendido por intelectuais como Lourenço Filho. Esta apresentação objetiva analisar o uso de uma das principais revistas destinadas ao professorado, no período –a Educação– na difusão da *Biblioteca de Educação*, como estratégia de intervenção e imposição de um projeto pedagógico que preside a lógica de organização desta coleção.

## A Biblioteca de Educação

A publicação da *Biblioteca de Educação* foi iniciada em 1927. Esse empreendimento cultural teve longa duração –de 1927 a 1970–, lançando, 37 títulos e diversas reedições.<sup>18</sup>

A Editora, quando ainda chamava-se Weisflog e Irmãos, já se destacava como um dos principais pólos de produção de livros de destinação escolar em São Paulo. Desde meados dos anos 1910, publicava autores de destaque no campo educacional, ligados à renovação dos materiais escolares, como Arnaldo Barreto.<sup>19</sup> A editora procurou manter sua atuação no campo educacional, investindo na especialização do mercado e, conseqüentemente, em livros específicos para professores e educadores. Com a morte de Arnaldo Barreto, e para dar continuidade a essa estratégia, convidou Lourenço Filho para dirigir a coleção, chancelando com o seu nome o novo empreendimento. Transformar o educador em editor era, do ponto de vista da Melhoramentos, estratégia editorial de legitimação da nova iniciativa, o que, dada a rede de relações de Lourenço Filho, facultava à Editora acesso a uma seara de novos autores especializados no campo educacional.

É o resultado da análise material da coleção que permite recortar o período 1927-1940, apresentando a *Biblioteca de Educação* publicada nesse período como coleção nitidamente diferenciada daquela que, sob o mesmo nome, e ainda sob a organização de Lourenço Filho, será publicada de 1940 a 1970.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> A descrição e análise material da coleção Biblioteca de Educação é fruto do trabalho conjunto empreendido por mim e por Marta Maria Chagas de Carvalho. Para uma descrição mais minuciosa da Biblioteca, consultar CARVALHO & TOLEDO, *op. cit.*

<sup>19</sup> DONATO, Hérnani, *100 anos de Melhoramentos (1890-1990)*.

<sup>20</sup> Observando-se os títulos e autores publicados e lendo-se os textos explicativos do perfil da coleção inscritos nos volumes publicados entre 1942 e 1979, percebe-se que o projeto organizado nos anos 1920 e 1930 é praticamente abandonado: desaparecem dos versos das capas as

Entre de 1927 e 1940, a Coleção editou autores brasileiros e traduções de obras estrangeiras. Os livros foram editados em formato pequeno e eram dotados de um desenho de capa clássico, do tipo francês, comumente encontrado nas prateleiras das livrarias.<sup>21</sup> O editor optou pelas brochuras de modo a baratear o preço dos volumes.<sup>22</sup>

As capas que cobrem os volumes da *Biblioteca de Educação*, de 1927 até os anos 1940, apresentam o nome do autor, o título da obra e as referências da editora. Com certa frequência, destacam o lugar de inserção

referências aos títulos anteriormente publicados; poucos passam a ser os livros do período anterior reeditados; os textos de apresentação da coleção desaparecem das contra-capas; a numeração que cada volume recebia ao sair na *Biblioteca* é abandonada. Assim, a partir de 1942, não restam sequer vestígios do conjunto de obras editadas no período anterior. Além disso, dos 29 títulos publicados nos anos 1920 e 1930, apenas 5 são reeditados nos anos 40 (os três títulos de Lourenço Filho; Pierón; Moura); apenas 5 nos anos 50 (Dewey, Kilpatrick; Durkheim; Lourenço Filho – *Introdução... e Testes ABC...*); e os mesmos 5 nos anos 1960. Há, portanto, um abandono significativo do conjunto de obras que conferiu um perfil à Coleção nas primeiras décadas de sua existência. Assim, apesar da manutenção do nome da coleção e da permanência de Lourenço Filho como seu organizador, o conjunto de obras publicados a partir dos anos 1940 conforma um novo produto editorial, que pouco tem a ver com o projeto inicial. Essa tese é confirmada também pelas mudanças de formato, de capa e de títulos que, indiciando redefinições dos critérios ordenadores do perfil da coleção, conferem a ela, a partir dos anos 1940, uma nova identidade. Assim, levando-se em conta essas diferenças de perfil editorial, pode-se sustentar que o nome de “*Biblioteca de Educação*” designa, pelo menos, duas “coleções” distintas, sob o nome de Lourenço Filho: a coleção publicada nos anos 1920 e 1930 e aquela editada no período 1940-1970. Além disso, nas décadas de 1950 e 1960, os títulos são publicados em duas diferentes séries, que passam a constituir a Biblioteca: uma em que os volumes eram publicados em grande formato; e a outra em formato médio. Nessa nova fase, os títulos de Lourenço Filho foram reunidos em uma coleção separada – a de suas “Obras Completas” – sem referência à Biblioteca de Educação. Com a entrada do regime de co-edição, já nos anos 1970, a coleção sofre novas reformulações, como mudanças no formato, alterações nas capas e nas indicações ao público leitor, entre outras. A *Biblioteca de Educação* continua existindo após a morte de Lourenço Filho, porém em regime de co-edição e com nova mudança nos desenhos das capas. Nos anos 1970, a *Biblioteca*, já dividida em duas séries – Série “Grandes Textos” (com livros publicados em formato grande); Série “Iniciação e Debate” (com livros publicados em formato pequeno) – mantém poucos títulos publicados nas décadas anteriores – apenas 7 – o que indica uma ruptura dos projetos até então desenvolvidos por Lourenço Filho: seria uma terceira coleção. CARVALHO & TOLEDO, *op. cit.*

<sup>21</sup> Ao contrário da Companhia Editora Nacional, a Melhoramentos parece ter sempre optado por formatos e desenhos de capa mais comuns e conhecidos pelo público leitor. Sobre a renovação das capas no mercado editorial consultar AZEVEDO, Carmem L. de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*.

<sup>22</sup> Segundo Monarcha, o preço dos livros, entre 1927 e 1941 variava entre \$4000 e \$10000, mas, na sua maioria, os livros custavam entre \$4000 e \$6000. Para o autor, esse preço era acessível ao bolso dos professores – principal destinatário da coleção MONARCHA, Carlos, “Lourenço Filho e a Biblioteca de Educação (1927-1941)”, em: MONARCHA, Carlos (org.). *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*.

profissional do autor; o conteúdo do livro; o nome do tradutor e o lugar institucional que este ocupava; o nome do autor do prefácio; ou ainda prescrições sobre usos de um determinado conteúdo pelo público leitor.<sup>23</sup> A partir do volume IX, o número do volume e o nome da Coleção passam a constar na parte inferior da capa. A contracapa dos volumes publicados entre 1927 e 1940 era dedicada à Coleção. Nesse espaço gráfico são reunidas todas as informações sobre o conjunto de obras que compõem a Biblioteca. Nele, o leitor pode obter informações sobre os critérios de seleção de autores e textos e sobre os próximos volumes que seriam publicados na seqüência, além do preço dos volumes e dos endereços de contato da Editora. Nesse mesmo espaço gráfico, uma pequena apresentação do perfil da coleção e de seu destinatário é editada. Assim, por exemplo, na contracapa do primeiro volume da coleção, pode-se ler:

A “Bibliotheca de Educação” torna-se hoje indispensável aos srs professores, normalistas e aos srs paes em geral, directamente interessados em conhecer as bases scientificas da educação e seus processos racionaes. Cada volume conterà sempre um assumpto completo, e a coleção toda se distinguirá por duas séries, uma das bases scientificas do ensino, outra de applicações praticas e critica de systemas.<sup>24</sup>

103

A apresentação da *Biblioteca* não consta apenas da contracapa nos volumes publicados entre 1927 e 1940. No verso da página de espelho, há também um meticuloso texto de apresentação. Nele, a destinação da coleção é especificada e a escolha do título do volume é justificada pela rarefação de publicações similares no mercado editorial. Assim, na página de espelho de cada volume pode-se ler:

Dada a deficiencia, (para não dizer já a ausencia) de livros com esse escopo, em lingua nacional, achamos que a iniciativa vem ao encontro de uma de nossas necessidades de divulgação cultural, devendo encontrar, por isso, boa acolhida dos estudiosos.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Por exemplo, o volume 15, em que, sob o título-os centros de interesse na escola – consta a prescrição: “sugestões para lições globalizadas, segundo o systema Decroly, como contribuição a uma escola brasileira renovada”.

<sup>24</sup> Este texto localiza-se na quarta capa do volume 1 da, Biblioteca de Educação. PIERON, Henri, *Psychologia experimental*.

<sup>25</sup> Este texto localiza-se no vol. 4, da Biblioteca de Educação. GREEN, Henrique. *Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo*, p.2.

No mesmo espaço gráfico, o texto de apresentação fala da Coleção e dos critérios de sua organização:

A “Biblioteca de educação”, cuja organização está entregue a um especialista bastante conhecido, será composta, assim, de escolhidas traduções e de originaes de autores brasileiros, procurando desenvolver um plano harmonico, no seu conjuncto, e, tanto quanto possivel perfeito, resumindo os mais salientes problemas educativos da actualidade. Cada volume conterà sempre um assumpto completo, e a colleção toda se distribuirá por duas series. Na primeira, de caracter geral, serão expostas as bases scientificas do ensino, já do ponto de vista genetico-funcional da sua organização, já do ponto de vista da finalidade social e moral a que deve tender, para a elevação do homem, como cidadão e como homem. Na Segunda, serão examinados os meios praticos de educação e ensino, tratando-se de modo particular das applicações que mais nos convenham, com indicações e criticas de systema.<sup>26</sup>

104

A página de rosto de cada volume repunha as informações referentes à *Biblioteca*: seu título; nome do organizador e número do volume que o título recebe ao ser editado pela coleção; nome da obra publicada; nome do autor e informação sobre seu lugar de inserção profissional; nome do tradutor (quando era o caso), e de sua vinculação institucional; símbolo e nome da editora. Um retrato do autor é publicado na página seguinte à página de rosto, introduzindo o volume.

Além de levar em conta esses dispositivos materiais de configuração da Coleção, é importante analisar a *Biblioteca de Educação* como produto de uma estratégia editorial específica – o “aparelho crítico”: prefácios, notas de rodapé, sistema de remissão dos assuntos tratados a outras publicações e sistema de classificação dos volumes publicados relativamente a temas e questões de pedagogia. Embora não seja possível, nos limites desta comunicação, realizar essa análise, pode-se registrar que, na *Biblioteca*, o editor usa os prefácios como protocolo para organizar a compreensão do texto publicado no volume prefaciado, validando a autoridade da autoria, e explicitando as razões pelas quais o livro entra na **Coleção**. É também nos prefácios que o editor tece o intertexto que unifica os diferentes volumes publicados, mobilizando informações que credenciam os seus autores e legitimam os saberes compendiados nos volumes. É nos diferentes prefácios, assinados em sua maioria, por

<sup>26</sup> Este texto localiza-se no vol. 4. da Biblioteca de Educação. GREEN, Henrique, *Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo*. p.2

Lourenço Filho, que o editor repõe as possíveis relações entre cada um dos textos escolhidos, prescrevendo um modo peculiar de entendimento do campo dos saberes pedagógicos que difunde.<sup>27</sup>

Além dos prefácios, Lourenço Filho, como tradutor/ editor, usa as notas de tradução para regular a leitura, explicando para o leitor conceitos, fornecendo bibliografia, informações do contexto de produção do texto, ou sugerindo a leitura de outros volumes da *Biblioteca de Educação* como forma de elucidar temas e problemas do texto traduzido. As notas, nesse sentido, também ganham função de intertexto que unifica os diferentes volumes da *Biblioteca*; e intertexto que constrói as referências do campo educacional, dirigindo o leitor tanto para o entendimento do texto lido, quanto para a compreensão do campo educacional.

A análise do ritmo da produção<sup>28</sup> da *Biblioteca de Educação* indica que, entre os anos de 1927 e 1935, a Coleção vive de novos lançamentos: dos 32 títulos editados e reeditados, 78% eram novidades e 22% eram reedições. Nos dez primeiros anos de sua existência, um dos principais dispositivos mobilizados pelo editor é o de manter um grande movimento de novidades, buscando, de um lado, constituir um fundo editorial e, de outro, manter o interesse do leitor na atualização da sua coleção. A quantidade de novidades também indica a mobilização de uma ampla rede de textos e autores, por parte do editor, que davam vida e sustentavam o novo empreendimento editorial.

Uma das principais características da *Biblioteca de Educação* é a de ser comporta por um fundo editorial predominantemente de autores brasileiros, articulados com algumas traduções. Como já havia notado

105

<sup>27</sup> Entre 1927 e 1955, todos os livros publicados na Biblioteca têm prefácios assinados por Lourenço Filho, com exceção de seus próprios títulos e três outros: *Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo*, de H. GEENEN, cujo prefácio é assinado por FRANCO DA ROCHA; *Educação e Sociologia*, de E. DURKHEIM, cujo prefácio é assinado por FAUCONNET; *Cinema e Educação*, de J. SERRANO e F. VENÂNCIO FILHO, cujo prefácio é assinado pelos próprios autores. Cf. CARVALHO & TOLEDO, *op. cit.*

<sup>28</sup> Do ponto de vista editorial, um dos mecanismos para o bom desempenho de uma coleção é a combinação de um certo número de novos títulos e de reimpressões. Os novos títulos mantêm cativos os leitores que acompanham o empreendimento e devem repor a proposta editorial, assim como devem chamar a atenção de novos leitores; as reedições conformam o fundo de títulos, uma das principais fontes de lucro da editora, ao mesmo tempo que representam a longividade do projeto editorial por continuarem circulando. Cf. TOLEDO, Maria Rita de Almeida, *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*.

Monarcha,<sup>29</sup> há um maior número de traduções entre os anos 1927 e 1929, porém, as traduções jamais ultrapassaram o número de textos de autores brasileiros lançados anualmente.

A maioria das traduções foram escolhidas entre os textos dos autores ligados ao Instituto J. J. Rousseau, da Suíça como Claparède e Ferrière ; ou à Sobornne, da França, como Durkheim, Piéron e Binet. Mas, editou-se também uma tradução de Luzuriaga, que no período, era Diretor da *Revista Pedagógica*, da Espanha. A referência ao debate europeu foi bastante explorada pelo editor da coleção.<sup>30</sup> Ainda Lourenço Filho escolhe autores ligados a Columbia University, dos Estados Unidos, como Dewey e Kilpatrick.. Os autores escolhidos não só eram referências do campo educacional, mas também pertenciam a instituições reconhecidas internacionalmente. Apresentados aos leitores brasileiros pelos prefácios de Lourenço Filho, transformavam-se também em referência para o campo da educação no Brasil, em processo de organização.

Em relação à rede de autores brasileiros é importante notar que as escolhas parecem acompanhar a trajetória política e institucional de Lourenço Filho.<sup>31</sup> Entre 1927 e 1930, o Editor escolhe os autores ligados ao movimento educacional paulista. Entre eles estavam membros da Sociedade de Educação, como Firmino Proença e Sampaio Dória; professores de importantes instituições de ensino do estado, como H. Green, do Ginásio de Ribeirão Preto, ou Octavio Domingues, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Neste período Lourenço Filho tem forte atuação no movimento educacional paulista.

Após 1931, o editor transfere-se para o Distrito Federal, primeiro para chefe da Gabinete de Francisco Campos e depois para ser diretor do Instituto de Educação, na Reforma Anísio Teixeira, permanece no Rio para organizar e dirigir o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Há uma coincidência entre essa transferência e a escolhas para a *Biblioteca* de autores ligados ao movimento educacional carioca e a A.B.E. Venâncio Filho, Jonathas Serrano, Ariosto Espinheiro, M. A. Teixeira de Freitas, entre outros, foram publicados pela *Biblioteca* após a chegada de Lourenço Filho no Distrito Federal e a intensificação de sua participação tanto no movimento educacional carioca e como nacional.

<sup>29</sup> Cf. MONARCHA, *op. cit.*

<sup>30</sup> Monarcha, em seu artigo sobre a *Biblioteca*, já havia notado essa peculiaridade nas escolhas de Lourenço Filho. Cf. MONARCHA, *op. cit.*

<sup>31</sup> Essa hipótese por nós levantada ainda deve ser melhor verificada com o aprofundamento do estudo sobre a *Biblioteca de Educação*.

Verifica-se também que é no momento em que Lourenço Filho assume os compromissos com a montagem e direção do INEP, em 1937, que a Biblioteca sofre enorme queda de produção<sup>32</sup> e pouco amplia a rede de autores publicados.<sup>33</sup> A política de publicações montada pelo educador no INEP pode ter esvaziado projeto editorial da *Biblioteca de Educação*.

Os comentários de divulgação dos livros, localizados nas contracapas, apresentam de forma diferenciada as traduções e os textos de autores brasileiros. Para as traduções, indicavam-nas como aquelas obras que forneciam ao novo campo da Educação os aspectos *científicos do conhecimento*. Assim, no texto de divulgação do livro a “*Psicologia Experimental*”, de Piéron, por exemplo, salientava-se que esse era *indispensável como exposição geral dos problemas e dos métodos da psicologia moderna*. As traduções parecem compor, assim, a primeira série da *Biblioteca* definida por Lourenço Filho como *as bases científicas do ensino*.

Já os textos de autores brasileiros, pelo que se pode inferir, parecem alimentar as duas séries: tanto eram destinados a apresentar as *bases científicas do ensino*, quanto eram destinados a apresentar *os meios práticos de educação e ensino*. Assim, o título “*A Hereditariedade em Face da Educação*”, de Octavio Domingues, por exemplo, era tido pelo editor como um *magnífico apanhado das mais modernas teorias sobre o assunto e em especial o do ‘mendelismo’*; já “*Como se ensina Geografia*”, de Firmino Prouença, era indicado como *compendio de metodologia especializada para aplicação em cursos primário e secundário*.

107

As discussões teóricas não eram monopólio de autores de expressão internacional; eram compartilhadas com os autores brasileiros que se dedicavam a compreender e desenhar o campo educacional. Já os *meios práticos*, na *Biblioteca*, eram monopólio dos autores brasileiros, conhecedores das condições sócio-culturais em que se organizavam os sistemas escolares, salas de aula e formação de professores.

Um dos dispositivos fundamentais da *Biblioteca* era o de alimentar as discussões teóricas com traduções e textos de autores brasileiros e manter a discussão da prática sob a batuta dos autores brasileiros, organizando para o leitor o modo como deveria entender o que eram os elementos universais da educação; e o que deveria ser mobilizado desse conhecimento na aplicação específica às condições específicas do Brasil.

<sup>32</sup> Em 1935 a Biblioteca publica cinco volumes, entre novidades e reedições. Em 1936 esse número cai para 2 volumes – uma novidade e uma reedição, mantendo esse ritmo de produção até o fim do período por nós estudado.

<sup>33</sup> Entre 1927 e 1931 são publicados 18 novos autores na Coleção; entre 1932 e 1935 são 6 novos autores publicados; entre 1936 e 1941 são apenas 2 novos autores publicados.

## A circulação da *Biblioteca de Educação* *Educação*

A revista *Educação* é lançada em 1927, como empreendimento da Sociedade de Educação<sup>34</sup> e da Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo, fruto da fusão da *Revista Escolar*<sup>35</sup> –que circulou entre 1925 e 1927, publicada pela Diretoria Geral de Instrução Pública –e da *Revista da Sociedade de Educação*– que circulou entre 1923 e 1924, pelo selo da Editora Monteiro Lobato e Cia.

Segundo Nery, os dois periódicos especializados tinham diretrizes bastante diversas, fruto de posicionamentos contrários no campo educacional.<sup>36</sup> Enquanto a Sociedade de Educação defendia um programa de formação dos professores, ancorado na discussão de preceitos pedagógicos e na exposição dos fundamentos das disciplinas que conformariam a chamadas Ciências da Educação; a orientação dada a *Revista Escolar* era a de subsidiar o professorado, apresentando um conjunto de modelos de lições, assim como um repertório de textos para uso em sala de aula.<sup>37</sup>

Para Nery, a substituição de Pedro Voss por Amadeu Mendes na direção da Diretoria Geral de Instrução Pública foi uma das condições que possibilitou a aproximação das posições em contenda no campo educacional, já que este era um dos sócios da Sociedade. A responsabilidade do novo periódico foi dividida entre as duas instituições.

108

<sup>34</sup>Entre os membros da Sociedade de Educação estavam Sampaio Dória, Oscar Thompson, Roldão Lopes de Barros, Almeida Júnior, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Para uma história da Sociedade de Educação, consultar NERY, Ana C. B., *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*.

<sup>35</sup>A *Revista Escolar* foi uma iniciativa da Diretoria Geral de Instrução Pública durante a gestão de Pedro Voss (1924-1927); teve como corpo de redatores: João Pinto e Silva (redator-chefe), José Veiga, Alduino Estrada, Augusto Ribeiro de Carvalho e Antônio Faria, que se revezaram na posição de auxiliares. Para uma análise do periódico, consultar NERY, *op. cit.*

<sup>36</sup>Na proposição de Carvalho, a revista *Escolar* pode ser entendida como “caixa de utensílios”, enquanto a *Revista da Sociedade de Educação* se aproximaria dos impressos que, como as coleções, pretendiam recortar e organizar os saberes pedagógicos e articulá-los às práticas pedagógicas na escola (Carvalho, 2001).

<sup>37</sup>Nery lembra que as críticas a *Revista Escolar* não são propriamente da Sociedade, já que a mesma ficou inativa entre 1924 e 1927. São seus ex-membros e futuros dirigentes que fazem circular posições contrárias à *Revista* por meio de artigos em jornais e outros periódicos. Ainda para Nery, o auge da polarização entre as posições foi expresso nas páginas do Inquérito promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, organizado por Fernando de Azevedo em 1926, NERY, *op. cit.*, p. 4.



Essa parceria se manteve até outubro de 1930, momento em que o periódico foi substituído pela Revista Escola Nova, de responsabilidade exclusiva da Diretoria de Instrução Pública.<sup>38</sup>

A primeira Comissão de Redação foi constituída por Amadeu Mendes, Roldão Lopes de Barros e João Toledo, pela Diretoria; J. Pinto e Silva e Lourenço Filho, pela Sociedade. Em setembro de 1928, Pinto e Silva é substituído por Roldão Lopes de Barros, que passa a representar a Sociedade, deslocando-se de posição; na vaga aberta por parte da Diretoria, entra Carlos da Silveira.<sup>39</sup> A Comissão também sofre uma última alteração em janeiro de 1930, momento em que Lourenço Filho e Roldão Lopes de Barros são substituídos por Sampaio Dória e Mário de Souza Lima.<sup>40</sup> É importante notar que, com a substituição de Pinto e Silva não restam traços da direção da antiga Revista Escolar. Essa situação parece indicar que a posição da Sociedade, em relação à antiga contenda, predominou, ditando as diretrizes do novo periódico.<sup>41</sup> Neste sentido, a ocupação do espaço político da revista Educação foi estratégico para a imposição do programa de formação do professorado, que o grupo de Lourenço Filho articulou, seja na forma de coleções, seja no âmbito das reformas educacionais empreendidas, na década de 1920.

Essa apresentação enfoca a revista Educação exatamente no período em que ela é fruto da parceria entre a Sociedade e a Diretoria Geral de Instrução Pública, analisando a forma peculiar com que Lourenço Filho utiliza o espaço do periódico para fazer circular o projeto editorial da *Biblioteca da Educação*.<sup>42</sup> A hipótese aqui aventada é a de que o espaço da Revista,

109

<sup>38</sup> Com a revolução de 1930, Lourenço Filho foi chamado para Dirigir a Instrução Pública. Na sua gestão a revista Educação foi substituída pela Escola Nova, dirigida exclusivamente por ele.

<sup>39</sup> Cf. *Educação*, vol. V, núm. 1, 1928. 2ª capa.

<sup>40</sup> Cf. *Educação*, vol. X, núm. 2, 1930. 2ª capa

<sup>41</sup> Essa apresentação não tem a apreensão de historiar o processo de constituição ou o ciclo de vida do periódico. Apenas levanta alguns indícios de sua organização que corroboram com a análise da circulação das representações e práticas em disputa no campo educacional, que ganham forma nas coleções para professores. Para uma análise do ciclo de vida do periódico, consultar NERY, *op. cit.* e VILELA, Marize C. 2000. *Discursos, Cursos e Recursos: autores da Revista Educação*. São Paulo: EHPS/PUC. (tese de doutorado). Para a análise das seções “Atravez das revistas e dos jornaes” e “Atravez dos livros”, consultar ALMEIDA, Ednalva S. dos. 2001. *A leitura através da Revista Educação em fins da década de 20: uma contribuição para a História da Leitura no Brasil*. São Paulo: EHPS/PUC (dissertação).

<sup>42</sup> No período em Lourenço Filho participava da Comissão de Redação da Educação foram lançados 25 números. O periódico era bimestral, organizado em volumes e números. Cada volume era composto por 3 números. Para uma descrição mais detalhada do periódico, consultar VILELLA, *op. cit.*

em um jogo de espelhos com a Biblioteca, acaba por legitimar e difundir o programa editorial proposto por Lourenço Filho: lançadas no mesmo ano, com o mesmo nome, voltadas para o mesmo público, editados pelo mesmo “especialista da educação”, Revista e Coleção fazem circular temas, autores e prescrições comuns, legitimando práticas e saberes sobre a escola e para a escola.

Enquanto Lourenço Filho é da Comissão de Redação da Revista (1927 a 1930) os autores e títulos publicados na *Biblioteca de Educação* circulam abundantemente pelas páginas do periódico, seja na forma de artigos, seja nas resenhas apresentadas na seção “Atravez dos Livros”; ou na reprodução de resenhas, comentários, notícias ou artigos reproduzidos de outros periódicos, na seção “Atravez das Revistas e Jornaes”. O lançamento da *Biblioteca* conta com o periódico para a sua divulgação e aceitação junto à comunidade de leitores a qual estava destinada.

Já no primeiro número, de outubro de 1927, consta um comentário extremamente elogioso ao lançamento da *Biblioteca de Educação*. Dando ao comentário o nome do 1º título na Biblioteca –Psychologia Experimental–, o comentador, não só resenha o livro, como destaca o lançamento do projeto editorial, já indicando para o leitor os novos títulos e autores programados na coleção:

110

A grande empresa acima referida [Cia Melhoramentos de São Paulo], a que tanto já deve a literatura nacional, acaba de tomar uma iniciativa digna dos maiores ecomios, e útil particularmente aos professores. Trata-se da organização de uma bibliotheca de assumptos educativos, a primeira que se organiza no Brasil, sinão em língua portuguesa [...] A Bibliotheca de Educação foi iniciada com rara felicidade; os outros volumes anunciados são também magníficos, devendo apparecer, ainda este anno, a traducção de um interessante livro de Claparède e outro do Sr. Sampaio Dória.<sup>43</sup>

Além da apresentação contundente da Biblioteca, o nome de Lourenço Filho faz parte dos autores dos artigos de “fundo” publicados neste primeiro número. Sampaio Dória, autor anunciado pelo comentário do lançamento da coleção, também comparece assinando um artigo de fundo neste mesmo número. A nova *Biblioteca*, pela assinatura de seu organizador, pelos autores escolhidos em seu programa e pelos comentários elogiosos recebidos no âmbito da Revista é alçada a empreendimento fundamental e prestigiado pela comunidade de leitores para qual se destina.

<sup>43</sup> O comentário é assinado pela sigla HS. Cf. *Educação*, 1927. vol. I, núm.1, p. 87.

Esse mecanismo de legitimação da *Biblioteca* perpetuado nas páginas do periódico, acompanha cada um dos lançamentos dos títulos da coleção. Assim, em 1928, no mês em que sai o segundo volume da Biblioteca —“A escola e a Psychologia Experimental”, de E. Claparède—, novo comentário é publicado na seção “Atravez dos Livros”. No mesmo molde do anterior, o empreendimento editorial, assim como o seu programa, são postos em evidência. Sud Menucci, resenhista assíduo da seção, destaca:

Um dos índices mais seguro de se avaliar da organização scientifica de um paiz, é computar-lhe a bibliotheca das obras didacticas e as de origem pedagógica. A sua maior ou menor autonomia de pensamento e de acção, a sua mais ou menos original contribuição ao esforço comum do aperfeçoamento humano reflectem o estádio de sua cultura melhor do que longos ensaios eruditos.

No Brasil, si essas contribuições não têm escasseado em alguns campos, como por exemplo, na medicina, faltam por completo em outros, e um dos meios mais commodos de obviar-lhe a falta, e, ao mesmo tempo, incentivar a curiosidade dos pesquisadores, será trazer para o nosso idioma aquellas obras que constituem lá fora breviários da sciencia nova.

Foi o que compreendeu a Cia Melhoramentos de São Paulo [...] quando encarregou Lourenço Filho de organizar a Bibliotheca de Educação, de que os dois primeiros livros de hoje, traduzidos pelo mesmo technico, vêm a ser as primícias.<sup>44</sup>

111

Ainda, em seu comentário, Menucci procura inserir o empreendimento editorial de Lourenço Filho no movimento mais amplo de circulação das referências - ou “movimento universal das idéas”. Para Menucci, a *Biblioteca* de Lourenço Filho.

É uma tentativa como existem outras, notadamente na Hespanha que se mantem á testa dessa effervescencia, que se caracteriza pela ansiedade de conhecer todo o movimento universal das idéas, transpondo para a sua língua tudo quanto de interesse se produz pelo mundo e valha a pena de uma discussão. E não há como encarecer um tentamen dessa natureza.<sup>45</sup>

Menucci, ainda, procura destacar os critérios de seleção de autores e títulos, operados por Lourenço Filho para constituir a coleção. Segundo Menucci.

<sup>44</sup> Cf. MENUCCI, Sud., in Educação, 1928, vol. III, núm.2, p.193.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

Accresce que á escolha destes dois primeiros volumes presidiu um critério de largo bom senso. São ambos duas visões de conjunto: um, o livro de Henri Piéron, é um resumo succinto e claro da situação da psychologia experimental; o outro, uma visão panorâmica dos efeitos que esses estados produziram sobre as diretrizes pedagógicas e sobre as possibilidades do que venham a produzir.<sup>46</sup>

Depois de longas considerações sobre o conteúdo de cada um dos títulos, Menucci termina seu comentário destacando a qualidade da tradução empreendida por Lourenço Filho, assim como a importância dos prefácios, do próprio Lourenço Filho, que introduzem os textos que compõem a *Biblioteca*.

Outros exemplos do modo como a seção “Atravez dos Livros” é utilizada para difundir tanto a Biblioteca, quanto cada um dos títulos nela apresentados, poderiam ser multiplicados. Na maioria das vezes os comentários acompanham os lançamentos da coleção, destacando a qualidade da obra e a importância da mesma para a formação do leitor.<sup>47</sup> A seção acaba por alçar o programa da coleção como referência do campo educacional e em importante instrumento de formação do professorado. Neste sentido, *Educação e Biblioteca da Educação* constroem, replicando autores e indicações de leitura, os contornos teóricos e práticas do campo educacional, difundindo o programa de formação projetado por Lourenço Filho.

Outro modo peculiar de difusão da *Biblioteca de Educação* nas páginas da *Educação* é o de publicar extratos de um livro da *Biblioteca*. O extrato é apresentado ao leitor com o título do tema a que se refere e a autoria, acrescido de uma nota de rodapé que indica a origem do texto, localizando-o como livro da *Biblioteca de Educação*. Assim, por exemplo, o artigo de Sampaio Dória –“Educação Moral”–, publicado na *Educação* de 1928, vol IV, n. 2 e3, traz a indicação em nota: “Este interessante estudo constitue a introdução da obra “A Educação Moral, suas bases e sua aplicação na escola”, que a Bibliotheca de Educação, organizada pelo prof. Lourenço Filho, acaba de publicar (Cia Melhoramentos)”.

<sup>46</sup> *Ibidem*.

<sup>47</sup> Dos 11 títulos publicados no período em que Lourenço Filho faz parte da Comissão de Redação da Revista, 8 são comentados na seção “Atravez dos livros”. Também é importante lembrar que Sud Menucci é o principal resenhista da seção. As resenhadas assinadas por ele também eram publicadas no jornal O Estado de São Paulo, no qual assinava uma coluna sobre o movimento literário.

É interessante notar que na nota é destacada a referência ao organizador da *Biblioteca* e à editora a qual a mesma pertence. Assim, livro, autor, coleção, editor e editora vão se tomando referências, nas páginas da *Educação* para diferentes temas do campo educacional,<sup>48</sup> credenciando e legitimando determinados saberes, temas e autores, assim como o lugar de poder da editora.

A *Biblioteca de Educação* ainda aparece na forma de indicação direta de leitura na seção em que se propõe apresentar para o leitor as obras que compõem a Biblioteca da Diretoria Geral de Instrução Pública. Com esse mote, Alduino Estrada, na seção denominada Bibliographia Pedagógica,<sup>49</sup> dá destaque para os títulos e autores publicados na coleção de Lourenço Filho. Na seção publica no volume VI, núms. 1 e 2, de 1929, por exemplo, o responsável pela seção apresenta Claparède como uma das principais referências da psicologia educacional. Depois de extensa apresentação da biografia do autor; dos títulos que compõem a sua obra e dos títulos que fazem parte da Biblioteca da Diretoria Geral de Instrução Pública, faz apresentação detalhada do título de Claparède publicado pela *Biblioteca de Educação*, descrevendo o conteúdo de cada um de seus capítulos.<sup>50</sup>

Autores e títulos da *Biblioteca* ainda freqüentam as páginas da revista de forma difusa: em indicações e referências bibliográficas de outros artigos; assinando artigos ou comentários que não estão diretamente relacionados à *Biblioteca*; ou assinando pequenas citações distribuídas na forma de “boxes” nas páginas que não são totalmente ocupadas pelos artigos. Essa forma difusa de repetição dos nomes dos autores da *Biblioteca* é dispositivo fundamental para constituí-los em referências do campo, tornando-os conhecidos do leitor. A repetição dos nomes acaba por engendrar o repertório ou o cânone que compõem o campo educacional. Neste sentido, é dispositivo fundamental para a imposição do programa de formação do professor proposto na seleção opera por Lourenço Filho na *Biblioteca de Educação*.

A revista *Educação*, durante a gestão de Lourenço Filho é amplamente utilizada como estratégia de difusão da *Biblioteca de Educação*,

<sup>48</sup> Nos mesmos moldes são publicados artigos de Claparède, Piéron, Octavio Domingues e do próprio Lourenço Filho.

<sup>49</sup> Essa seção não é espaço contante em todos os números da Revista. Consultar VILELLA, *op. cit.*

<sup>50</sup> No número seguinte da revista Alduino Estrada faz exatamente o mesmo trabalho com Antonio Firmino Proença, encerrando o artigo com o conteúdo do livro Como se ensina Geografia. ESTRADA, Alduino, “Bibliographia Pedagógica”, em *Educação*, 1929, vol. VI, núm. 1 e 2, pp. 163-172.

garantindo seu impacto sobre o público leitor das obras de educação. A ocupação desse duplo espaço de poder no mundo editorial permitiu a Lourenço Filho mobilizar dispositivos específicos de difusão de seu programa de formação de professores, assim como de seu entendimento do que deveria compor os saberes necessários e fundamentais para o campo educacional. Revista e Coleção, articuladas nos termos aqui analisados, transformam-se em estratégia fundamental de intervenção no campo educacional.

- Biblioteca de Educação*, São Paulo, Cia Melhoramentos, 1927-1970.  
*Revista Escolar*, Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo, 1925-1927.  
*Educação*, órgão da Diretoria geral da Instrução Pública e da Sociedade de Educação, volumes de I a XIII, São Paulo, 1927-1931.  
*Escola Nova*, Diretoria Geral de Instrução Pública, São Paulo, 1930-1931.

114

- ALMEIDA, Ednalva S. dos, *A leitura através da Revista Educação em fins da década de 20: uma contribuição para a História da Leitura no Brasil*, São Paulo, EHPS/PUC, dissertação, 2001.
- AZEVEDO, Carmem L. de, CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, São Paulo, Editora SENAC, 1997.
- CARVHALO, Marta M C de, “A caixa de utensílios e a Biblioteca: pedagogia e práticas de leitura”, em VIDAL, Diana G. e HILSDORF, Maria Lúcia. *Tópicos em História da Educação*, São Paulo, EDUSP, 2001.
- CARVAHALO, Marta M C de & TOLEDO, M. Rita de A, “A coleção como estratégia de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho”, em *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: A Educação Escolar em perspectiva*, Curitiba, Sociedade Brasileira de História da Educação (CD), 2003.
- HÊRNANNI, Donato, *100 anos de Melhoramentos (1890-1990)*, São Paulo, Melhoramentos, 1990.

- HALLEWELL, Laurence, *O livro no Brasil*, São Paulo, EDUSP, 1985.
- MARTIN, Henri-Jean. e CHARTIER Roger, *Histoire de l'editions française*, Paris, PROMODIS/Fayard, tomo III e IV. (1ª. Edição 1985), 1990.
- MÖLLLIEU, Jean-Yves, *Louis Hachette*, Paris, Fayard, 1999.
- MONARCHA, Carlos, "Lourenço Filho e a Biliotheca de Educação (1927-1941)", en MONARCHA, Carlos (org.), *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*, Campinas, Mercado de Letras/UNESP, 1997.
- NAGLE, Jorge, *Educação e Sociedade na Primeira República*, SP: EPU, 1976.
- NERY, Ana C. B., *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*, São Paulo, FEUSP, tese de doutorado, 1999.
- , *A revista escolar e o movimento de renovação educacional de São Paulo (1925-1927)*, São Carlos, C. de Educação e Ciências Humanas/ UFSCarlos, dissertação, 1993.
- OLIVERO, Isabelle, *L'Invention de la collection*, Paris, L'IMEC/Maison des Sciences de L'Homme, 1999.
- TOLEDO, Maria Rita de Almeida, *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*, São Paulo: EHPS/PUC, tese de doutorado, 2001.
- VILEALA, Marize C., *Discursos, Cursos e Recursos: autores da Revista Educação*, São Paulo, EHPS/PUC, tese de doutorado, 2000.